

# **“PROJETO PARTILHAR - RODA DE CONVERSA EM UM HOSPITAL DE URGÊNCIA E TRAUMA: RECURSO PSICOTERAPÊUTICO EM TEMPOS DE COVID-19”**

Daniel Caldas de Oliveira<sup>1</sup>; Ângela Beatriz Borges<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Urgência e Trauma - Hospital Estadual de Urgências de Goiânia Dr. Valdemiro Cruz; <sup>2</sup>Tutora de Psicologia da Coremu HUGO; daanielcaldas@gmail.com;

## **INTRODUÇÃO**

A proposta do projeto de pesquisa intitulado, “*Projeto Partilhar - Roda de conversa em um hospital de Urgência e Trauma: recurso psicoterapêutico em tempos de COVID-19 à profissionais terceirizados*”, que versa sobre o atendimento e apoio psicológico em encontros, no formato de rodas de conversa, com profissionais terceirizados do Hospital de Urgências de Goiânia Dr. Valdemiro Cruz (HUGO). O projeto possui, enquanto perspectiva norteadora, a oferta de suporte psicoemocional a esses profissionais que atuam na linha de frente no enfrentamento ao contexto atual vivido de pandemia (COVID-19/ Sars-Cov-2).

Situações de Emergência e Desastre, como a atual pandemia, exigem a percepção, a assimilação, a elaboração e a reelaboração diária da realidade em contraste às nossas angústias e vivências de forma que ter espaço de escuta qualificada possa vir, ou não, a propiciar reinvenções nesse processo de forma criativa e mais saudável possível. Sendo assim, nós, psicólogos, devemos estar sempre preparados para atuar em situações complexas e, nesse caso, pelos aspectos implicados na atual pandemia que são até então, inumeráveis.

Nesse sentido, faz-se necessário contextualizar e caracterizar a pandemia vivida em nível global, declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em março de 2020, esta enquanto uma nova doença que se espalha pelo mundo, em vários locais simultaneamente, em um grande número de indivíduos sem imunização adequada para tal.

De acordo com Birman (2020), citando a OMS, afirma que o estresse tem afetado a todos em escala global, em nosso cotidiano, inicialmente com o isolamento social, mas, também por todo sofrimento emocional e psicológico a que estamos submetidos há quase dois anos, em que vale destacar os “efeitos sociais, culturais e econômicos, [...] com os seus inquietantes desdobramentos psíquicos inquestionáveis.” (Birman, 2020, p.17)

De acordo com Amaral et al. (2010), ao discutir sobre cuidados ao cuidador, como os grupos de escuta com pacientes, afirma que é possível também com os profissionais de saúde em um hospital geral. Pois, este ambiente, em geral, está permeado por vivências relacionadas a dor, sofrimento, morte, angústia, medo, desesperança, desamparo, vulnerabilidade, dentre tantos outros afetos e vivências que atravessam o sujeito provocando perdas reais e subjetivas.

## **OBJETIVOS**

Promover um espaço com função psicoterapêutica em grupos, junto a profissionais terceirizados do Hospital de Urgências de Goiânia – Dr. Valdemiro Cruz (HUGO), em formato de rodas de conversa, uma vez que os conteúdos emergidos nos encontros grupais e a sua função psicoterapêutica, podem vir a contribuir de modo eficaz e satisfatório para a qualidade de vida dentro do ambiente hospitalar.

## Objetivos específicos

Visar a integração dos sujeitos que comporão o grupo permitindo o processo transferencial uns com os outros e, também, com o pesquisador, que conduzirá a escuta do grupo; Promover espaço de acolhimento e escuta qualificada no ambiente de trabalho em período de pandemia (COVID-19); Prevenir/amenizar riscos e danos psicológicos à saúde mental dos profissionais terceirizados;

## METODOLOGIA

Esta foi uma pesquisa qualitativa, pois, de acordo com Godoy (1995, p. 62), “[...] teve como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural [...]” e compreende que todos os dados da realidade estudada podem ser importantes e passíveis de serem analisados. Para essa autora, o que tem relevância em uma pesquisa qualitativa é o processo e não o resultado em si. Sobre a dinâmica da metodologia de trabalho, *a priori*, foram elaboradas rodas de conversa, em que num momento posterior puderam vir a ser utilizadas como técnicas, vivências, a fim de realizar um levantamento de dados relativos aos grupos que compunham a realidade destes, sendo assim, trabalhando *a posteriori*, diante das necessidades e demandas percebidas nesses encontros. Os encontros em grupo ocorreram às segundas e quintas-feiras das 14:00 às 16:00 p.m. com duração de até 1 hora por encontro, com no máximo, 10 funcionários a cada.

Na coordenação operativa dos encontros grupais, esteve o pesquisador Daniel Caldas de Oliveira, psicólogo pela Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, atualmente residente (R2) no Hospital de Urgências de Goiânia em Psicologia, sob orientação da tutora Ms. Ângela Beatriz Borges, membro da COREMU/SES local.

Enquanto metodologia de análise foi utilizada a Análise de Conteúdo de Bardin (2016), e de acordo com Bardin, a análise de conteúdo “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações.” (Bardin, 2016, p. 37)

Cabe ainda ressaltar que, a participação de todos participantes foi de caráter voluntário, estando os mesmos, livres para a qualquer momento desistirem de sua participação, assim como foi garantido o direito ao sigilo de todos os conteúdos emergidos, sendo resguardados pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – vide anexos.

Por fim, vale enfatizar que, toda a prática esteve pautada no que concerne ao Código de Ética profissional do psicólogo em que versa sobre sigilo profissional.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### MORTE E PANDEMIA

O sujeito contemporâneo em sua experiência psíquica, tem esta pautada no *trauma*, este que não possibilita ao indivíduo a sua antecipação, e por vezes sua nominação, para sua conseguinte assimilação e produção de sentido na realidade. Em relação aos impactos causados pela realidade pandêmica, bem como caracterizando o medo, este possui objeto

definido, sendo ele o vírus (Covid-19), que desencadeia uma série de angústias, as quais não possuem um objeto definido, contudo, a mesma remete a uma relação anterior, maternal, que nos remete a angústia do desamparo. Vale enfatizar, que os efeitos da angústia na subjetividade dos sujeitos, são inúmeros, bem como o terror causado pela surpresa em relação a nova realidade, ao “novo normal”.

No que diz respeito ao contexto de pandemia sob o aspecto de trabalharem na linha de frente, os mesmos, referem sobre “*os preconceitos que os profissionais de saúde do hospital sofreram no início da pandemia*”, em locais públicos, ambientes sociais e familiares, trazendo as repercussões tanto emocionais como sentimentos de “*isolamento*”, “*mudanças no contexto e dinâmica familiar*”, “*medo constante de contaminação dos familiares*” e o sofrimento engendrado por isso, reforçando que “*o hospital era falado*” e isso impactou em suas relações e contextos sociais e familiares.

Assim sendo, o ser humano tende a desenvolver recursos de enfrentamento diante das dificuldades e perdas. Sendo considerados, “*esforços adaptativos denominados estratégias de enfrentamento ou coping, determinados tanto pela sua maturação biológica quanto psicológica.*” (L.E. CARNIER *et al*, 2015, p. 320), sendo compreendido, como uma série de recursos aos quais o sujeito recorre diante de alguma adversidade ou enfermidade.

Nesse sentido, em relação aos recursos de enfrentamento utilizados pelos sujeitos da pesquisa, puderam ser identificados em falas como as a seguir, “*coloco Deus na frente*”, a “*fê*”, “*peguei com Deus*”.

## INVISIBILIDADE SOCIAL E TERCEIRIZAÇÃO

O termo “invisibilidade social” foi criado pelo psicólogo Fernando Braga da Costa, que fez um “experimento social”, em que vestiu-se como gari por alguns anos, em que foi possível constatar que tornou-se “invisível” para as pessoas que cruzavam seu caminho. Assim sendo, vai ao encontro de algumas das falas percebidas nos grupos, tais quais: “*humilhados*”, “*tristes*”, “*torturados*”, “*sem voz*”. Contudo, com a terceirização, percebe-se que o trabalho terceirizado tende a ser precarizado, e os profissionais possuem menores salários, carga horária extensa, alta rotatividade de profissionais, fragmentação das equipes e do trabalho e condições de trabalho inferiores aos profissionais que são contratados direto da empresa, e que estão atreladas ao fenômeno de invisibilidade social, em que reforça a segregação e assim, interferindo diretamente nas condições de trabalho mais precárias e desgastantes, tornando-se potenciais fatores de risco para adoecimento psíquico, retratados nas seguintes falas: “*Só notam a falta quando falta*”, “*só tem cobrança*”, “*não há estimulação*”, “*impotentes diante dessa realidade*”,

Emergiu ainda uma preocupação em relação ao período *pós pandemia*, uma vez que a exposição direta ao risco de contágio pelo novo coronavírus, predispõe nos sujeitos o risco de desenvolvimento de quadros como ansiedade, depressão, perda da qualidade do sono, alimentação inadequada, síndrome de Burnout, Transtorno de estresse pós traumático, dentre outros, inclusive relacionados ao uso de substâncias psicoativas ou até mesmo uso de psicotrópicos – por vezes, sem o devido acompanhamento profissional como enfatizado em uma das falas em que a profissional afirma: “*me sinto perturbada da cabeça*”, em que relata “*uso remédio controlado*”, contudo, ao ser questionada se buscou apoio e tratamento psicológico, a mesma nega.

Além das sequelas emocionais percebidas e levantadas na pesquisa, existem ainda as sequelas físicas enfatizadas em falas como:

*“fiquei com sequela na perna depois que tive covid”, “estou tendo arritmias após a covid”*

## CONCLUSÕES

A pesquisa realizada visou fornecer suporte psicoterapêutico em tempos de COVID-19 aos profissionais terceirizado de um hospital estadual de Urgência e Trauma do estado de Goiás, que surgiu diante da percepção da necessidade de suporte psicoemocional, e/ou prevenção a danos e agravos à Saúde Mental, dos profissionais de saúde terceirizados, bem como após demandas espontâneas por atendimento/acompanhamento psicológico por parte de profissionais terceirizados de diversos setores, especialmente da limpeza e higienização da unidade. Em relação ao objetivo geral da pesquisa, este foi parcialmente alcançado, uma vez que, a proposta inicial era de realizar grupos por um período de três a quatro meses de duração, para que fosse possível de fato garantir que foi alcançado com sucesso.

Em relação aos objetivos específicos, estes foram alcançados de modo satisfatório, ainda que devido ao pouco tempo de realização da pesquisa, pois, percebeu-se a integração dos sujeitos que compuseram os grupos permitindo assim, que houvesse um processo transferencial uns com os outros e, também, com o pesquisador que conduziu os grupos.

Diante disso, enquanto uma das possíveis medidas protetivas/preventivas sugiro a integração do presente projeto de intervenção na instituição de atuação, enquanto um projeto de extensão permanente e, possivelmente, estendido a outros profissionais de saúde da linha de frente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Laurence Bardin; tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. - São Paulo: In: Edições 70, 2016.

OLIVEIRA, Luzia Carmem de. SAÚDE MENTAL NOS TEMPOS DE PANDEMIA: UMA RELEITURA DOS AFETOS E DA PULSÃO DE MORTE EM FREUD. In: Pluralidades em Saúde Mental, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 18-34, jun./jul. 2020

SILVA, KCL; Lima, MEG. A INSERÇÃO DE DUAS PSICÓLOGAS RESIDENTES EM TEMPOS DA COVID-19. In: Cadernos ESP. Ceará – Edição Especial. 2020, JAN. JUN.; 14(1): 95 – 99.

RAMPASI, De Lara et al. OS IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NA TRÍADE DA PSICOLOGIA HOSPITALAR. In: Anais do 19º Encontro Científico Cultural Interinstitucional – 2021 ISSN 1980-7406.

CAURIN, Nathália Bonugli. *Impactos da pandemia da Covid-19 em profissionais da Psicologia*. In: Research, Society and Development, v. 10, n. 4, e33610414140, 2021 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i4.14140>.

KLAZURA, Marcos Antônio e FERNANDES, Solange. “A vida como ela é: um estudo sobre o processo de invisibilidade social no trabalho das trabalhadoras e dos trabalhadores da higienização. In: Revista Humanidades em Perspectivas | v. 2, n. 5 | jul/dez – 2020

LIMA, Maria Juliana Vieira, et al. *A ESPERANÇA VENCEU O MEDO: PSICOLOGIA HOSPITALAR NA CRISE DO COVID-19*. In: CADERNOS ESP. CEARÁ. 2020, JAN. JUN.; 14(1) PÁGS. 100 – 108 ISSN: 1808-7329/1809-0893.

BIRMAN, Joel. *O trauma na pandemia do Coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas*. In: 2ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SOARES, S. M. et al. *Grupos Operativos de aprendizagem nos serviços de saúde: sistematização de fundamentos e metodologias*. In: Esc. Anna Nery R. Enferm. 2007 mar, 11 (1): 52-7.

REBOREDO, Lucília Augusta. *As categorias Sartreanas para a análise do movimento grupal*. In: De Eu e tu a nós: o grupo em movimento como espaço de transformação das relações sociais. Prefácio de Silvia Lane. 2ª edição. Piracicaba: Ed. Unimep, 1995. 132 p. 21 cm.

FIGUEIREDO, Alessandra Aniceto Ferreira de; QUEIROZ, Tacinara Nogueira de. *A utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo*. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2012. ISSN2179-510X.

MELO, Cecília, Araújo; SANTOS, Felipe, Almeida dos. *As contribuições da psicologia nas emergências e desastres*. In: Psicol. inf. Vol. 15 no. 15. São Paulo, dez. 2011.

GODOY, A. S. *Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades*. In: RAE-Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2, mar-abr, p.57-63, 1995. Pesquisado em: 20 de julho de 2020 às 02:15 a.m.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade* / Maria Cecília de Souza Minayo (org.); Suely Ferreira Deslandes; Romeu Gomes. – Petrópolis, Rj: Vozes, 2016. (Série Manuais Acadêmicos).

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. *Pesquisa qualitativa: Análise de Discurso versus Análise de Conteúdo*. In: Texto contexto Enferm, Out-Dez; 15 (4): 679-84, Florianópolis, 2006.